



LIVRO DIDÁTICO: AS IMAGENS DA ESCRAVIDÃO NEGRA

Suzana Alves de Sousa¹

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões sobre algumas partes do livro didático de História, com a finalidade de examinar como a escravidão negra é apresentada nos respectivos exemplares através das imagens. Tendo em vista, que o negro vem sendo retratado em situações de violência ou humilhação ao longo dos anos. No percurso teórico, partindo de um estudo descritivo com base em: Ana Maria Mauad (1996) e Bittencourt (2008), foram analisados o uso da imagem como fonte histórica e sua abordagem no livro didático ao ser analisado e problematizado o capítulo de duas obras voltados aos 2º ano do Ensino Médio. Espera-se que através desta análise e discussões, pesquisadores e docentes percebam a importância do uso da imagem enquanto formadora de um imaginário que pode ser um auxiliar na construção de uma imagem de resistência e representatividade.

Palavras-chave: Livro didático, Imagens, Escravidão, Processo Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O livro didático é um grande auxiliar para o professor e o ensino-aprendizagem do aluno. Os suportes informativos estão sempre presente nesse material, isto é, discursos produzidos com o objetivo de comunicar. O livro didático é um produto cultural ligado à indústria, e, além disso, ele torna-se resultado dos currículos educacionais, na qual esse material possui inúmeras interferências que direciona sua construção para um determinado fim. Além do mais, esse material é um reflexo da cultura, ideologia e de uma sociedade.

Entretanto, o processo de percepção das imagens que estão contidas nos livros didáticos, vem preocupando os pesquisadores. Pois sem uma devida análise adequada desses exemplares acaba-se reforçando alguns discursos de forma negativa, principalmente no que diz respeito às pessoas negras escravizadas.

Pensando nisso, esse artigo propõe-se fazer uma breve análise de dois livros didáticos de anos diferentes e editoras distintas, propondo uma reflexão sobre a maneira que a escravidão negra é apresentada através das imagens, abordando as diferenças e semelhanças apresentadas nesses respectivos exemplares, além da forma como esses dois livros se utilizaram das imagens para representar esses cidadãos.

Sabe-se que nem sempre os negros são vistos como participantes da formação da sociedade brasileira, com isso, torna-se importante pensar como os livros didáticos de História

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, suzanaalvez1@gmail.com;



estão representando essas pessoas através das imagens. No entanto, ao ser feito um breve estudo nota-se que geralmente as imagens presentes nos livros, quando abordam sobre a escravidão, reforçam apenas o lado da violência e de situações humilhantes que os escravizados tiveram que enfrentar. Mostrando-os de uma maneira caricatural, vulgar ou sobre a vigilância de um capataz. Deixando passar sua cultura, religião, costumes e suas lutas pela liberdade.

Deste modo, quando uma imagem não é devidamente trabalhada no livro didático ela pode reafirmar algumas falas como o racismo e a discriminação. Além do mais, os alunos(as) negros(as) devem encontrar referências de seus semelhantes que lutaram pela liberdade. O livro didático precisa promover uma mudança, um novo olhar para a história dos negros africanos, para só assim reduzir o preconceito que ainda é presente.

Essa análise do livro didático e o uso da imagem como suporte informativo devem partir não só de pesquisadores da área acadêmica ou historiográfica. Tanto o docente quanto o discente precisam ter um olhar crítico e analítico para perceber como é feita a abordagem e o uso dessas imagens na construção e reafirmação de discursos e estereótipos.

METODOLOGIA

Este artigo trata-se de um estudo do tipo descritivo, com abordagem teórico-reflexiva. Na qual foram escolhidos dois livros didáticos para fazer uma breve análise, de que maneira as imagens contidas nesses exemplares, estão sendo explanadas e quais reflexões foram desenvolvidas que auxilia o aluno a ler e refletir sobre as respectivas imagens.

O livro didático é uma das grandes ferramentas usadas pelos docentes, e que direcionará quais conteúdos irão ser abordados durante as aulas. Ademais, com frequência, os discentes apenas utilizam esses livros como fonte de pesquisa, podendo ser em determinadas situações o único material que eles terão acesso.

O primeiro livro escolhido é da editora Moderna, intitulado como *História: das cavernas ao terceiro milênio*, volume 2, 1ª edição do ano de 2005. Este exemplar pertence ao Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), tendo como autoras: Myriam Becho Mota e Patrícia Ramos Braick.

Já o segundo livro escolhido para a análise é da editora FTD, denominado como *História sociedade & cidadania*, do 2º ano do ensino médio, sendo a 1ª edição do ano de 2013. Esta obra pertence ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), na qual o seu autor é: Alfredo Boulos Júnior.



O período histórico utilizado como objeto de pesquisa, vai do processo abolicionista até a aprovação da Lei Áurea em 1888, tendo como foco em especial a fotografia e gravuras (pinturas e charges) que estiverem presente durante o capítulo do livro que fazem referência ao tema da escravidão.

A temática abordada neste trabalho reflete sobre o uso da imagem contida no livro didático, questionando-se de que maneira o livro está se apropriando dessas produções, isto é, de que forma elas estão sendo expostas nessas obras.

Para nortear este estudo foi desenvolvida uma reflexão sobre a fotografia/imagem enquanto fonte histórica, e em seguida chegando à seguinte questão: de que forma a iconografia foi utilizada no material didático?

É importante destacar que, as escolhas desses livros partiram da própria autora deste artigo, que tendo posse desses livros resolveu pensar quais foram as imagens escolhidas para compor esse tema e como foram utilizadas essas imagens. Além do mais, os dois exemplares escolhidos para análise e construção deste artigo pertencem a modalidade do aluno.

REFERENCIAL TEÓRICO

Debate e críticas surgem gradativamente em volta do livro didático sobretudo no que diz respeito ao reforço de estereótipos sobre os grupos étnicos. Bittencourt (2008) exemplifica que com relação às populações indígenas há permanência de visões deformadas e incompletas sobre esses povos, e que isto está preocupando os estudiosos, assim como, as populações negras que muitas das vezes são representadas no livro didático apenas no período da escravidão ou apenas em situações de violência.

Por muito tempo, os defensores da teoria positivista defendiam que apenas o documento escrito era visto como fonte histórica. À vista disso, as fotografias apenas possuíam relevância quando eram usadas como forma de ilustração, prova ou testemunho, que para ser autenticada carecia de um documento escrito.

Contudo, o cor fundador da Escola dos Annales, Lucien Paul Victor Febvre (1949), afirma que:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. (...) Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as



maneiras de ser do homem (FEBVRE, 1949 p.428 apud LE GOFF, 2003 p. 530).

Logo, a imagem também é um documento histórico e como qualquer outro deve-se compreender que ela é uma fonte historiográfica.

Por ser um documento, existe a possibilidade das fotografias serem registros falsos, podendo ter sido manipuladas por quem a produziu, deste modo, exigindo do historiador uma análise entre a imagem e a “realidade”. Mauad (1996) ressalta que “A imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas.” (Mauad, 1996, p. 10). Ou seja, a fotografia é um texto que deve ser lido, e como qualquer outro documento encontra-se nele um discurso que foi criado. A imagem não deve ser vista como uma representação fiel dos acontecimentos, como foi considerada por muito tempo, uma vez que ela é uma produção e que também está sujeita às interferências de quem a criou.

Quem produz uma imagem pode criar outra realidade, podendo incluir ou excluir algumas informações, além de orientar como as pessoas devem se portar para a fotografia. De acordo com, Oliveira e Junior (2013), encontra-se o seguinte esclarecimento:

O pesquisador quando analisa uma imagem fotográfica deve relacionar aquele momento e o espaço que está na fotografia e o momento que ele está vivendo. Observar que a distribuição dos objetos no espaço fotográfico não é gratuita. O lugar dos corpos também não é considerado espontâneo, eles traduzem orientações: linhas de autoridade, de subordinação, de hierarquia, deixando claro a cultura e política de suas relações sociais. (OLIVEIRA e BITTENCOURT JUNIOR, 2013, p. 6)

Portanto, a fotografia é o resultado das inúmeras escolhas que o fotógrafo fez, seja o ângulo, a luz ou até mesmo o enquadramento da imagem. Desconstruir a imagem é importante para entendermos qual era o objetivo de quem as produziu e porque foram feitas de uma determinada forma.

A imagem não está posta no livro didático apenas como ilustração, mas ela representa também uma linguagem que pode construir no aluno um imaginário. Como descrito por, Bittencourt (2008) “Outro problema destacado pelos pesquisadores é o processo de percepção da imagem. Toda imagem gera nos observadores outras imagens mentais, fazendo-os produzir textos intermediários orais. É preciso perceber que as fotografias estão intimamente associadas a um processo de memória e sempre despertam a oralidade.” (BITTENCOURT, 2008, p.367). Em outras palavras, uma imagem é capaz de construir um imaginário que pode resultar em uma oralidade, reafirmando assim discursos e estereótipos.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir será pontuada algumas análises de forma dissertativa-reflexiva, referente ao capítulo de cada livro didático que são voltados para representação dos negros no período da escravidão. Estes exemplares são utilizados como objeto de estudo deste trabalho.

ANÁLISE DO PRIMEIRO LIVRO DIDÁTICO:

No primeiro livro, *História das cavernas ao terceiro milênio*, a parte que aborda sobre o fim da escravidão é o capítulo 14, que se encontra entre as páginas 251 à 272 e é intitulado: *O governo de D. Pedro II*. Nesta parte do livro didático encontram-se duas fotografias e três gravuras que estão relacionadas ao negro.

Das duas fotografias apresentadas neste capítulo, a primeira se encontra logo no início da introdução. Abaixo da referida imagem encontra-se apenas uma referencia: Negros carregadores, Bahia, c. 1900-1910. A fotografia apresenta alguns cidadãos negros sentados um ao lado um do outro e todos encaram a lente. A foto foi posta ao lado de um subtópico intitulado *O passado e o presente da escravidão*, tirada após a abolição da escravidão essa fotografia representa cidadãos negros no ambiente de trabalho.

Já a segunda fotografia também é do período pós-abolição. A imagem apresenta membros de uma família branca que posa pra foto e ao lado deles duas crianças mucamas da casa são inseridas para fotografia. Todos ali presente encaram a lente da câmera. Essa imagem possui apenas uma referência sendo esta descrita como: Uma rica família fluminense posando para fotografia junto com as mucamas da casa (c. 1890). As autoras do livro não levam aos leitores uma reflexão, nem extingue a leitura da imagem, ela apenas está posta lá como uma ilustração.

Na página 260, a gravura que se faz presente é o quadro *Redenção de cam* (1895), como pode ser visto abaixo na figura 1. Nela as autoras foram cautelosos ao escrever uma pequena anotação com referência a imagem presente no livro, na qual estava escrito: “Difundiu-se no Brasil do século XIX a ideia da necessidade de ‘branqueamento’ da sociedade, que significa apagar os traços negros da população local” (p. 260). Esse pequeno comentário permite ao leitor entender o contexto brasileiro da época possibilitando assim uma leitura desta gravura.

Figura 1: *Redenção de cam*



Difundiu-se no Brasil do século XIX a idéia da necessidade de "branqueamento" da sociedade, que significava apagar os traços negros da população local. Observe o quadro *Redenção de Carr* (1895), do pintor Modesto Brocos, que representa uma família que a cada geração está "mais branca".

Fonte: Mota, Braick (2005, p. 260).

No tópico *A abolição da escravatura*, apresenta uma charge de Ângelo Agostini nomeada a *Fuga de escravos*. Essa ilustração é uma das breves referências que as autoras fazem a resistência dos escravizados, mas ela não é trabalhada pelo escritor de uma forma que conduza o aluno a refletir sobre os símbolos de resistência presentes na imagem. Além da charge, poucas linhas são deixadas para fazer menção ao nome de alguns abolicionistas negros, que foram sinal de objeção deste regime escravocrata. Vale salientar que muitos livros didáticos apenas destacam uma única forma de resistência das pessoas escravizadas que é a da criação dos quilombos. A charge presente neste livro dá ênfase a essa relutância dos escravizados, mas deixa de destacar a importância da luta destas pessoas no processo da abolição de uma forma mais ampla.

Essa é uma das grandes deficiências dos livros didáticos, quando é dada pouca visibilidade aos negros, que lutaram pelo fim da escravidão e que tiveram um papel muito importante contra essa sociedade escravocrata. Na visão de Wlamyra Albuquerque (2018):

A AGITAÇÃO NEGRA MARCOU A LUTA CONTRA A ESCRAVIDÃO NA sociedade brasileira. A revolta escrava, individual ou coletiva, foi o primeiro e principal instrumento de instabilidade da ordem vigente. Rebeliões, crimes contra senhores, fugas e tantas outras formas de ação escrava vivenciadas no Brasil, até quando não explicitavam esse propósito, construíram os caminhos para a falência do mundo governado por proprietários de pessoas. (ALBUQUERQUE, 2018, p. 328)

Os negros tiveram um papel significativo no processo da abolição. As revoltas, rebeliões e fugas fizeram com que eles fossem os principais agentes na luta pelo fim da escravidão. Nesta perspectiva, Albuquerque (2018) ainda afirma que:

Depois do 13 de maio de 1888, a princesa Isabel foi içada ao papel de Redentora e, portanto, de promotora da principal reforma política e social do século XIX. O panteão nacional foi preenchido pelas figuras



mais proeminentes do front abolicionista na grande imprensa, no Parlamento e nos tribunais, deixando de fora da memória do abolicionismo os coiteiros, caifases, saveiristas, tipógrafos, capoeiras e músicos, em geral, escravos, libertos e livres pobres. No entanto, vários desses sujeitos interpretaram a assinatura da Lei Áurea como apenas mais um passo em direção aos propósitos da campanha abolicionista. Como disse um grupo de libertos de Paty do Alferes, no Rio de Janeiro, em carta enviada a Rui Barbosa em 1889: "nossos filhos jazem imersos em profundas trevas. É preciso esclarecê-los e guiá-los por meio da instrução. [...] Compreendemos perfeitamente que a liberdade partiu do povo que forçou a Coroa e o Parlamento a decretá-la". Pensada nesses termos, a luta pela liberdade não foi concluída em 1888; resta a construção da igualdade. (ALBUQUERQUE, 2018, p. 333)

Os livros didáticos, ao abordarem esse tema, constantemente acabam dando ênfase somente a princesa Isabel que assinou a Lei Áurea, reafirmando o papel de redentora que lhe é atribuído, deixando em segundo plano as ações autônomas dos escravizados.

ANÁLISE DO SEGUNDO LIVRO DIDÁTICO:

Já no segundo livro, *História sociedade & cidadania*, a análise feita é no capítulo 16, pertencente a unidade IV, na qual é nomeado de *Abolição e República*, situado entre as página 267 à 278. Nesta parte do exemplar um diferencial é apresentado, pois logo no seu início o capítulo encontra-se carregado de imagens e tópicos que incluem a presença dos negros no processo da abolição. Além disso, a cultura afro-brasileira também ganha um destaque no decorrer do livro.

Ao todo, encontra-se neste capítulo, três fotografias e duas gravuras que representam ou fazem referência aos negros. Este livro, logo de início, apresenta um ponto positivo ao inserir alguns pequenos comentários em cada suporte informativo no decorrer do capítulo, isto é, cada imagem ou charge presente é acompanhada por uma legenda com informações pertinentes que conduzem a uma reflexão sobre a produção exibida.

A primeira foto apresentada nas primeiras páginas do capítulo, é de um menino que está aprendendo a jogar capoeira, na qual logo abaixo da imagem contém a seguinte descrição: *Menino aprendendo a jogar capoeira. A capoeira, dança e luta ao mesmo tempo, pode ser considerado também uma forma de resistência negra no campo da cultura*. Note que o autor destaca as manifestações culturais afro-brasileiras, não se limitando apenas a condição do negro enquanto escravo.

Já na segunda fotografia, figura 2, é exposta uma *escrava de ganho vendedora*. No entanto, essa imagem não é muito trabalhada pelo autor, sendo inserida apenas como uma

ilustração da Lei do Ventre Livre, descrita ao lado da imagem. Porém, o mesmo poderia ter levado o aluno a pensar sobre o objetivo do fotógrafo ao produzir essa imagem, indagando aos leitores qual seria o interesse em fotografar uma escrava e o seu filho, possivelmente em um estúdio, vendendo frutas.

Figura 2: *Escrava de ganho vendedora*



Fonte: Boulos (2013. p. 270).

Esse tipo de fotografia era produzido para ser vendida aos estrangeiros, que estavam de passagem pelo Rio de Janeiro, correspondendo ao consumo que existia do “exótico” e aos “tipos de pretos”. Se essas informações fossem expostas de alguma forma no texto, poderiam facilitar a leitura da imagem retratada no livro.

Assim como na primeira fotografia, a terceira é uma imagem que também faz referência a cultura Afro-brasileiras, fazendo menção ao carnaval carioca da década de 1930. Ademais, ao lado desta foto é apresentada a capa da partitura *pelo telephone*, o primeiro samba a ser gravado no Brasil. Observe que tanto o documento escrito como o fotográfico está postos como fontes que possibilitam o conhecimento do samba e do carnaval enquanto expressão cultural Afro, figura 3.

Figura 3: *pelo telephone* e carnaval carioca da década de 1930



Fonte: Boulos (2013. p. 272).

Assim como no livro analisado anteriormente, este segundo aborda a mesma charge de Ângelo Agostini intitulado a *Fuga de escravos*, para compor o acervo deste capítulo. Contudo

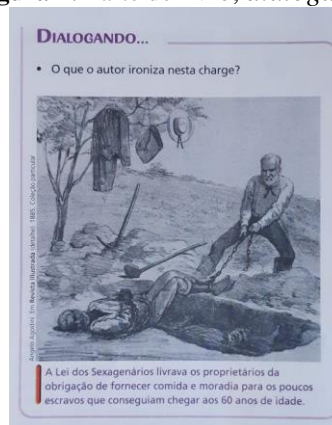


a grande diferença de um livro para o outro é que nesta segunda obra, o autor Boulos, traz um breve comentário sobre a charge, enquanto que no primeiro livro a imagem é usada apenas como mérito ilustrativo.

As informações que o autor acrescenta ao lado da charge faz referência às resistências por parte dos escravizados, tendo como principal ênfase as formações quilombolas. Observe o que ele diz: “Com o crescimento do abolicionismo, a resistência escrava também se intensificou: as fugas individuais, os quilombos e as reações físicas dos escravos contra feitores e senhores aumentaram”. (BOULOS, 2013, p. 269). Em sequência, o mesmo faz referência aos quilombos de Lebron e o do Jabaquara.

Em seguida, no livro *História sociedade & cidadania*, mais uma charge de Angelo Agostini é utilizada, figura 4, dessa vez fazendo referência a Lei dos Sexagenários essa ilustração se encontra em um destaque intitulado *dialogando*, que convoca o aluno para um debate. A imagem é inserida no capítulo após uma breve pergunta: *O que o autor ironiza nesta charge?* O discente é levado a ler e interpretar a imagem, refletindo sobre a Lei. Logo em seguida sendo acompanhada de um breve comentário: *A Lei dos Sexagenários livrava os proprietários da obrigação de fornecer comida e moradia para os poucos escravos que conseguiam chegar aos 60 anos de idade.*

Figura 4: Parte do livro, *dialogando*



Fonte: Boulos (2013, p. 271)

O livro ainda apresenta três imagens de pessoas que participaram do processo abolicionista. São eles: Luís Gama, André Rebouças e Joaquim Nabuco. Cada nome é acompanhado de uma breve descrição da pessoa apresentada.

Ambos os livros não apresentam imagens de pessoas negras escravizadas em situações de humilhação ou em casos de tortura, sendo este um ponto positivo, pois eles não reforçam estereótipos e nem um discurso de uma supremacia branca. Entretanto, algumas imagens no primeiro livro, aparecem apenas como ilustrações, tirando o quadro do pintor Modesto Brocos



- *redenção de Cam* (1895), na qual o autor adiciona um breve comentário. As demais fotografias e ilustrações não são desenvolvidas como poderiam ter sido.

Neste segundo livro, é perceptível um destaque maior com relação à importância que esses indivíduos têm na formação da nação brasileira. Mesmo que de uma forma breve o autor mostra imagens que fazem referência a capoeira e ao samba carnavalesco, apresentando nomes de cidadãos abolicionistas negros, que destacaram-se nesse período.

Trazer à tona representações de resistência, costumes, crenças e a luta pela liberdade dos negros escravizados, faz-se necessário. Destacar elementos que caracterizam uma determinada cultura é importante, tendo como finalidade “ que os alunos e docentes possam (re)conhecê-las para, então, respeitá-las” (CARVALHO, 2006, p.100).

Deve-se ter em mente a relevância desta abordagem para os discentes negros que terão acesso aos livros didáticos, considerando que os mesmos consigam enxergar a luta e a dignidade desses homens e mulheres que lutaram por dias melhores é bastante significativo e representativo.

Como descrito por Carvalho (2006):

Contribuiria bem mais para auto-estima e referência positiva para as alunas e alunos negros se as ilustrações e os conteúdos abordados nos livros didáticos apresentassem personagens negros que lutaram pela liberdade e ascensão social do seu povo; as várias formas de resistência; as irmandades negras; os escravos negros (soldados) enviados para as guerras; os milhares de homens e mulheres negros anônimos pela História que em atos de bravura, resistência e coragem conseguiram de alguma forma contribuir para as mudanças no trato e nas Leis em torno dos escravos. (CARVALHO, 2006, p.99)

Sabendo que a imagem contribui para a construção de um imaginário, a utilização desses acervos juntamente com o texto pode contribuir para uma formação que promova novas perspectivas.

Deste modo, os livros didáticos devem buscar cada vez mais mostrar os negros como sujeitos históricos, promovendo um olhar sobre a história dos negros africanos e sua cultura.

Carvalho (2006) afirma:

Enfim, é preciso transcender a imagem do tronco e do castigo! É urgente parar de reafirmar a humilhação dos negros e seus descendentes e para isso os livros didáticos de História também têm o papel de promover uma mudança em direção a um novo olhar sobre a história dos negros africanos e seus descendentes. Sem dúvida, seria uma das mais valiosas maneiras para formar uma cultura de paz, minimizando estereótipos, preconceitos e discriminação ainda bastante presente em nosso cotidiano. (CARVALHO, 2006, p.99)



Com isso, as imagens são grandes aliadas nesse processo de ensino-aprendizagem, podendo ser utilizadas como meio de reflexão sobre escravidão e liberdade. Sem dúvida, por meio deste viés, ocorreria um melhor aproveitamento não só dos assuntos/imagens, mas também expandiria o imaginário dos alunos invertendo essa visão estereotipada que persiste na nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No país onde o regime escravocrata esteve presente por mais de 300 anos, pensar como os nossos livros didáticos estão trabalhando essa temática torna-se importante para perceber como esse imaginário está sendo construído. Quase sempre estereótipos e discursos que representam os negros escravizados estão relacionados a situações de humilhação e submissas aos seus senhores.

Tendo em vista, que a imagem é um discurso construído, ela exige uma leitura assim como qualquer outro documento histórico. Conforme mencionado anteriormente, através da observação das iconografias serão reproduzidas novas imagens mentais que como consequência produzirão textos orais.

Desta forma, uma imagem que não está devidamente trabalhada, tem chances de reafirmar estereótipos ou discursos, podendo resultar em racismo e discriminação. Além disso, alunos(as) negros(as) podem não encontrar referências de seus semelhantes que lutaram pela liberdade, pois foram deixados de lado da historiografia. Portanto, um novo olhar deve ser construído sobre as histórias dos negros e suas lutas e conquistas (Carvalho, 2006).

Diante do que foi exposto nas análises feitas sobre o capítulo dos dois livros didáticos usados, é perceptível que existe uma diferença na forma como cada um trata o tema e utiliza as imagens para construção de um imaginário. A exemplo do segundo livro, na qual existe uma atenção a mais ao uso dessas imagens.

Seja de uma forma ou de outra, as imagens estão presentes nos livros didáticos e devem ser pensadas de que maneira os alunos irão lê-las. Ou seja, é necessário que os livros didáticos estejam voltados para a representação de símbolos de resistência, tendo sempre o cuidado nas imagens que podem ser criadas no imaginário do aluno. Pois, como já foi discutida ao longo do texto uma imagem que não for trabalhada apropriadamente pode reforçar discursos e estereótipos.

REFERÊNCIAS



BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. In: _____. **Livros e materiais didáticos de história.** São Paulo: Cortez, 2008. p. 295-324.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. In: _____. **Documento não escritos na sala de aula.** São Paulo: Cortez, 2008. p. 353-400.

FEBVRE, Lucien. Combats pour l'histoire. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória:** Tradução Bernardo Leitão. 5.ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. Movimentos sociais abolicionistas. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 328.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem:** fotografia e história: Interfaces. 1996, Revista Tempo, vol.1 n. 2, p. 73-98 Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em: 26 Set. 2020

OLIVEIRA, Rosangela Silva; BITTENCOURT JÚNIOR, Nilton Ferreira. A fotografia como fonte de pesquisa em história da educação: usos, dimensão visual e material, técnicas e níveis de análise. In: Congresso Brasileiro De História Da Educação, VII. **Anais eletrônicos,** Cuiabá, 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/A%20FOTOGRAFIA%20COMO%20FONTE%20DE%20PESQUISA%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2020.

MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. **História das cavernas ao terceiro milênio.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2005. 287 p. v. 2.

BOULOS Júnior Alfredo. **História sociedade & cidadania.** 1. ed. São Paulo: FTD, 2013 - 2º ano.